



Data: 06.11.2019

Título: Jorge de Sena, centenário

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Nacional

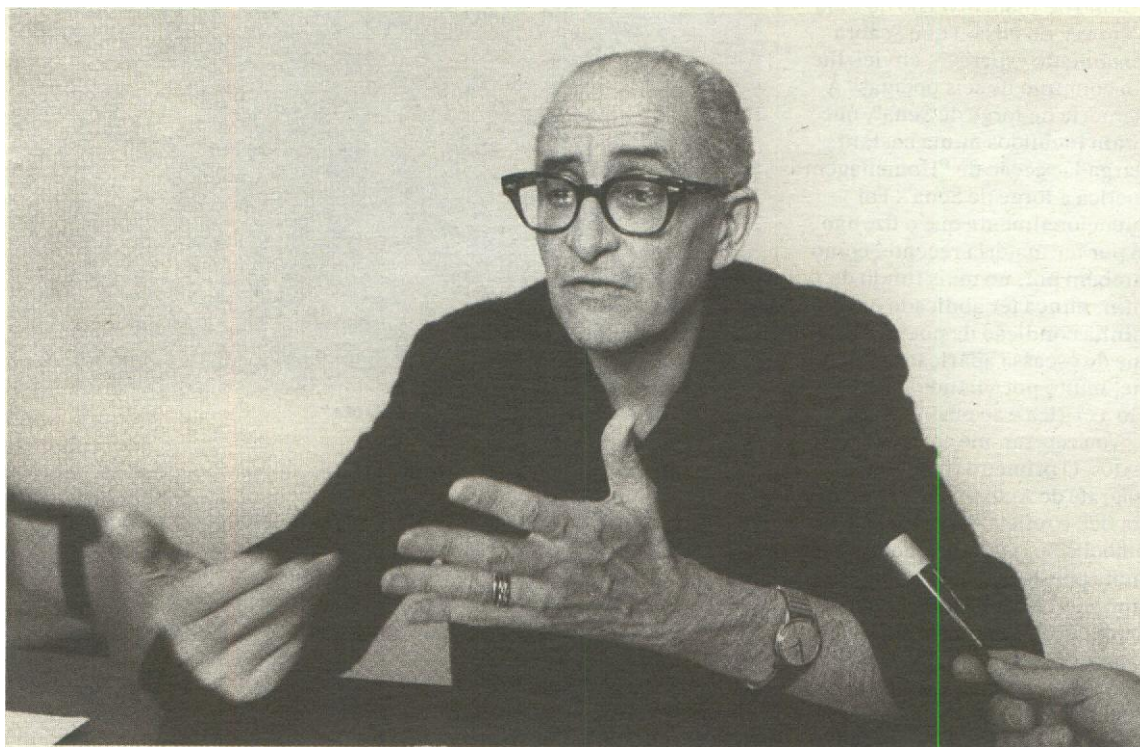
Pág: 13;14

Jorge de Sena, centenário

Um crítico à altura do poeta

Na última edição dedicamos Tema e capa a Jorge de Sena, no seu centenário, com textos de António Carlos Cortez (ACC), Jorga Vaz de Carvalho e Eugénio Lisboa sobre vários aspetos da sua obra, bem assim de Luís Filipe Castro Mendes sobre o poeta de *As Evidências* e *Sophia*; e, mais, uma entrevista com Isabel Sena, a filha do escritor atualmente responsável pelo seu espólio, que está a trabalhar na correspondência ainda inédita – além do comentário de JCV lembrando a presença de Sena no **JL**, desde o nº 1. Agora concluimos o mesmo Tema com os já anunciados textos de Joana Meirim e de Fernando J. B. Martinho, uma entrevistas a Jorge Fazenda Lourenço sobre o seu *O Essencial sobre Jorge de Sena* e a recensão de ACC a uma antologia do poeta editada no Brasil, da responsabilidade de Gilda Santos, a profª da UFRJ a quem a nossa literatura tanto deve, doutorada com uma tese sobre o escritor e primeira titular da sua cátedra, que criou e dinamiza o site "Ler Jorge de Sena" – e é, além do mais, vice-presidente do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, onde criou o Pólo de Pesquisas Luso-Brasileiras, de que é coordenadora-geral

JOANA MEIRIM



Jorge de Sena "Preocupações ético-literárias", na crítica, iguais às da sua "produção criativa"

Área: 802cm² / 48%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6649219



Jorge de Sena (JS) crítico é tópico vasto, pois o adjetivo “crítico”, no caso de Sena, apresenta uma dupla valência. Sena tem uma atividade crítica extensa, na qual se incluem os seus ensaios – desde os mais breves, como os verbetes biobibliográficos das *Líricas Portuguesas*: 3ª. série (1958), aos monumentais estudos camonianos ou aos não menos desmesurados *Estudos de História e Cultura* (1967). Mas, também, é ele próprio profundamente crítico e autocrítico, no sentido em que a sua maneira de encarar a literatura e a vida sempre se pautou pela análise minuciosa de si e dos outros, pelo escrutínio de tudo o que fez e os outros fizeram.

O ensaísmo crítico de JS foi uma atividade tão profícua quanto a de poeta, como aliás o próprio reconhece num texto de 1976. Em “O poeta e o crítico na mesma pessoa – um depoimento sobre algumas décadas de experiência pessoal”, publicado em *Dialécticas Teóricas da Literatura* (1978), refere-se à coexistência destas duas facetas que sempre conviveram, de forma harmoniosa e regular, desde o início da sua carreira de escritor, a que se junta, a partir de 1959, a de “universitário de Letras no estrangeiro”. Assim, o primeiro livro de poemas (*Perseguição*), como nos conta neste texto, é de 1942, e neste mesmo ano é publicado o texto de estreia como conferencista, um estudo sobre Rimbaud (“Rimbaud ou o Dogma da Trindade Poética”). É fundamental não esquecer ainda a atividade crítica em relação à sua própria obra, daí a importância dos seus famosos prefácios, mas também da sua correspondência. Sena considerou sempre, aliás, uma mais-valia ser crítico de si para melhor dar conta dos outros. Neste mesmo depoimento, diz-nos: “Se, além desta atitude crítica em relação à própria obra, o poeta é também um crítico por si mesmo, aplicado em analisar e estu-

dar as obras alheias, tanto melhor, já que funde uma experiência pessoal com a metodologia crítica”.

ORA, EXPERIÊNCIA PESSOAL E METODOLOGIA crítica orientam a sua produção ensaística. Destaco, em primeiro lugar, a heterogeneidade dos tópicos abordados: os estudos camonianos, os pessoais, a literatura portuguesa em toda a sua extensão, a literatura inglesa, norte-americana, a literatura brasileira, o teatro, a música, o cinema, a História de Portugal, a teoria da literatura. Na feliz expressão de Eduardo Lourenço, Sena sempre quis ser “omni-compreensivo”. Comum a todos os textos é o seu estilo digressivo e, quando o espaço possibilita, torrencial. Em todos eles, é ainda claro o tom desassombrado com que sempre escreveu, sem medo de ferir suscetibilidades. Como refere Vítor Aguiar e Silva, em JS e Camões, “Sena não cultivava os mecanismos retóricos do eufemismo, da atenuação”. A sua produção crítica tem como principal finalidade uma revisão do estado da arte nas mais diversas áreas, desde os estudos camonianos à verificação da genealogia do primeiro rei de Portugal. Ao longo da sua atividade de crítico, podemos perceber não só um conjunto de preocupações constantes na forma como se relaciona com questões teóricas da literatura,

“**Experiência pessoal e metodologia crítica orientam a sua produção ensaística (...) com heterogeneidade dos tópicos abordados (...) num estilo digressivo e, quando o espaço possibilita, torrencial**”

mas também as ideias e intuições inovadoras que contribuíram para rever diferentes áreas de estudo.

Em *Dialécticas da Literatura* (1973), JS problematiza o conceito de historiografia literária, questionan-

do a legitimidade e pertinência dos termos que usamos para classificar os períodos literários (e.g. “clássico”, “romântico”, “simbolista”, etc.). Por considerar a periodização estratégia que, por vezes, reduz o entendimento pleno dos autores, considera, em “Reflexões sobre Sá de Miranda ou a arte de ser moderno em Portugal” (incluído em *Estudos de Literatura Portuguesa* – II), que a arte poética de Sá de Miranda é, afinal, tão moderna quanto a de poetas que viveram a chamada modernidade. Também sempre apontou o erro de subordinar a periodização literária a critérios exclusivamente nacionalistas, confinados “ao país ou à língua de sua origem”. E, contra o paroquialismo literário, defendeu, de forma sistemática, a importância e necessidade do conceito de literatura universal: “Só este conceito pode salvar a literatura igualmente do imperialismo das grandes culturas e do provincianismo das pequenas”.

Apesar de a diversidade temática ser grande, é à literatura portuguesa que dedica especial atenção, destacando-se dois autores fundamentais na sua produção ensaística: Camões e Pessoa. JS contribuiu precocemente para a compreensão e divulgação de Pessoa. Um exemplo dessa prematuridade é a carta que escreve, aos 20 anos, a Adolfo Casais Monteiro, corrigindo aquilo que a revista *presença* considerava um inédito de Álvaro de Campos ao chamar a atenção para o facto de tal poema, o “Apostilha”, ter sido já publicado anos antes no *Notícias Ilustrado*. Este texto revela já astúcia crítica, numa clara noção de que está a falar daquele que virá a ser reconhecido como o grande poeta de língua portuguesa, depois de Camões.

QUANTO AOS ESTUDOS CAMONIANOS, são estes, na verdade, que creditam JS perante a academia como legítimo professor universitário. Apesar das “áridas aritméticas”, na expressão de Ruy Belo, é importante o trabalho de fixar o cânone camonianos dos sonetos, como faz em *Os Sonetos de Camões* e o *Soneto Quinhentista Peninsular* (1969). Outro seu contributo fundamental é a constante tentativa, nem sempre bem-sucedida, de libertar Camões do ideário nacionalista. Contra a tradição de leitura essencialista, que tenta ver n’*Os Lusíadas* a representação do povo e da sua alma,



Data: 06.11.2019

Título: Jorge de Sena, centenário

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Nacional

Pág: 13;14

JS assinalou diversas vezes, nomeadamente em textos recolhidos em *Trinta Anos de Camões - 1948-1978. Estudos camonianos e correlatos*, que a epopeia era menos uma “celebração ingénua e orgulhosa” e mais “um aviso trágico e desesperado”. Poemas como “Camões na ilha de Moçambique” ou o “Discurso da Guarda”, de 10 de junho de 1977, assinalaram a mesma vontade de rever o lugar do épico.

A atividade crítica de JS não é alheia a preocupações ético-literárias, indissociáveis, aliás, daquelas que orientam a sua produção criativa. É no primeiro volume de *O Reino da Estupidez* (1961) que podemos ler os seus “ensaios morais”, nos quais apresenta aquela que deve ser, para si, a conduta ideal do crítico. Assim, revela a aversão ao academismo estéril, aquilo que designa como “falsa cultura dos verbetes e cátedras” e a

preocupação constante com a isenção dos críticos. Defende a necessidade da existência de uma ciência da literatura, que evite intuições precipitadas e o impressionismo crítico, e denuncia o cinismo da classe intelectual. Procura ainda mostrar os benefícios de conciliar conhecimento científico e humanístico na investigação da verdade.

Como crítico de Camões e Pessoa, utilizou, várias vezes, expressões polémicas como a “indústria camoniana” ou os “donos encartados de Pessoa”. Na verdade, longe de Portugal, e sentindo-se sempre um *outsider*, termo recorrente na sua correspondência, foi à literatura portuguesa que dedicou os mais importantes estudos, e sempre esperou o reconhecimento dos habitantes da aldeia onde nasceu e não tanto os louros das academias americanas. O melhor da sua atitude como crítico faz-se notar na forma como sempre

lutou contra idolatrias, camonianas ou outras. Ainda que distante, tentou chamar a atenção para o facto de não haver donos de autores, não haver territórios específicos de saberes, tentando fugir sempre ao provincianismo cultural. Jorge de Sena não foi, felizmente, dono de nenhum autor, limitou-se a estudá-los bem. Como disse, a propósito de Camões, “nenhum poeta jamais temeu que o estudassem: o seu grande e legítimo medo é de que o não estudem ou estudem mal”. .n.

Outubro de 2019

*Joana Meirim é profª e investigadora na Universidade Católica Portuguesa, doutorada em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa exatamente com uma tese sobre Jorge de Sena e Alexandre O'Neill